

OBRAS
COMPLETAS
DE LUIZ
VAZ DE
CAMÕES
II VOLUME
LÍRICA

ORGANIZAÇÃO · INTRODUÇÃO · NOTAS
MARIA VITALINA LEAL DE MATOS



ÍNDICE

«GÉNEROS» LÍRICOS MAIORES	9
APRESENTAÇÃO CRÍTICA	11
REDONDILHAS	35
SONETOS	163
CANÇÕES	261
ELEGIAS	301
ODES	337
OITAVAS E SEXTINA	371
ÉCLOGAS	399
ÍNDICE DE POEMAS	491

APRESENTAÇÃO CRÍTICA

1. A questão da autoria

Um primeiro contacto com a obra de Camões não dispensa o aflorar de um prévio problema espinhoso que consiste em destrinçar as composições que são, sem dúvida, da autoria do poeta daquelas que pertencem a outros autores e ainda daquelas sobre cuja autoria permanece a incerteza.

Ainda hoje, quatro séculos e muitos anos passados sobre a morte do poeta, não dispomos de uma edição que contenha *tudo* o que Camões escreveu, sem risco de mistura com poemas apócrifos, isto é, escritos por outrem.

Temos edições que acumularam tudo aquilo que, com maior ou menor certeza, se lhe pôde atribuir: a edição do Visconde de Juromenha contém quase 600 composições (que, contudo, não devemos considerar abrangerem a totalidade das espécies camonianas, uma vez que é admissível que haja textos por encontrar em cancioneiros particulares ainda não estudados...).

Temos edições que eliminaram tudo o que estava manchado com a suspeita de apocrifia e que reduziram o cânone da lírica a um mínimo bastante seguro quanto à autenticidade das composições: a melhor destas é a edição de Costa Pimpão, *Rimas*, de Luiz de Camões, publicada em Coimbra em 1953, reeditada em 1973, reimpressa e apresentada por Aníbal Pinto de Castro em 1994 e que serve de base à presente antologia.

Esta edição apresenta 329 poemas. Assim sendo, apenas abordaremos questões de autoria a propósito de poemas em que o problema se mostra controverso.

Como se vê, a amplitude da variação é grande e são de diversos tipos os problemas que continuam em debate: em muitos casos, há razão para continuar a discutir a autoria dos textos, quer para eliminar uns, quer para admitir outros; torna-se necessário continuar a publicar e a estudar criticamente obras que possam trazer achegas para toda esta problemática, apresentar versões importantes para a lição crítica de determinados poemas ou, eventualmente, revelar composições desconhecidas.

Toda esta incerteza deriva do facto de muito pouco da obra de Camões, além de *Os Lusíadas*, ter sido publicada durante a sua vida. A primeira edição da lírica apareceu em 1595, quinze anos depois da morte do poeta. E, além de conter imperfeições graves, sobretudo atribuindo ao poeta composições alheias (entre as quais umas trovas já publicadas no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, em 1516, antes de Camões nascer), apresenta-se como uma recolha incompleta, coligida a partir dos cancioneiros de mão (coleções particulares manuscritas onde, sem qualquer escrúpulo de rigor quanto à autoria, os amantes de poesia iam copiando os textos da sua preferência).

Não é de espantar, portanto, que os editores seguintes tenham procurado apresentar versões mais completas, socorrendo-se de toda a espécie de materiais. E não é de espantar também que, da mistura com muitas poesias genuinamente camonianas, muitos apócrifos tenham entrado no caudal da lírica.

Só no fim do séc. XIX, com W. Storck e Carolina Michaëlis de Vasconcelos, bem como ao longo do séc. XX, se inverteu a atitude dos editores e estudiosos do texto camoniano, passando o objectivo principal a ser o de averiguar com rigor a autoria das composições em vez de aumentar cada vez mais o acervo da lírica.

2. O lirismo do Renascimento português

Tem-se discutido se Camões é renascentista ou maneirista. Seja como for, o Renascimento marcou-o e a sua irredutível

originalidade não o impediu de se integrar profundamente no seu tempo – nessa época maravilhosa de descobertas do novo mundo, do mundo antigo, do próprio homem; época de uma extrema riqueza cultural em que se exprimiram as tendências mais diversas e frequentemente contraditórias.

Em Itália, no domínio da poética, o Renascimento desenranha-se numa efervescência crítica e numa abundante teorização literária. Em Portugal torna-se visível – em autores como Sá de Miranda e sobretudo António Ferreira – o conhecimento e a defesa de uma atitude poética nova, que se demarca da poesia palaciana (encontramo-la já em obras como o *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende), inspirada em preceitos horacianos e que revela a influência do neoplatonismo¹:

Sá de Miranda pretende inculcar uma sabedoria de raiz estóica, descoberta justamente pela prática da actividade poética. A poesia – cujos poderes excepcionais são aliás sublinhados – torna-se assim uma forma de conhecer, ao mesmo tempo que se assume como uma relevante missão educadora.

Esta demarcação relativamente a uma forma de poetar que – com razão ou sem ela – era vista como divertimento fútil, e a descoberta da vocação da poesia para a compreensão dos níveis mais graves, ou mais problemáticos da vida humana, parece ser nuclear na mudança de estatuto que se aprofunda em seguida, na passagem do Renascimento português – tardio e breve – para o Maneirismo.

A teorização poética evoluiu muito, nesta fase. E, apesar de ter sido pouca, e pouco importante, a produção teórica em Portugal, o contacto com os autores italianos e espanhóis, bem como o possível conhecimento do que foi escrito no estrangeiro por portugueses², era suficiente para trazer até nós os termos duma nova teoria do lirismo, mesmo se sem as cores polémicas que os debates sobre esta matéria adquiriram lá fora.

Tratava-se de assimilar a influência do pensamento platónico sobre a arte; e de o conjugar com os preceitos horacianos tradicionalmente

¹ Aristóteles, apenas redescoberto a partir de 1536, só marcará a reflexão sobre matéria poética, particularmente entre nós, bastante mais tarde, no fim do século.

² Por exemplo, Tomé Correia, que publica a sua obra em Veneza, em 1587. Ver Isabel Almeida, «Apresentação crítica» de *Poesia Maneirista*, Editorial Comunicação, Lisboa, 1998, p. 38.

REDONDILHAS

40)

CANTIGA

a ãa Dama que estava doente

Da doença em que ardeis
eu fora vossa mezinha,
só com vós serdes a minha.

VOLTAS

É muito para notar
cura tão bem acertada,
que podereis ser curada
somente com me curar.
Se quereis, Dama, trocar,
ambos temos a mezinha⁸⁰:
eu a vossa, e vós a minha.

Olhai que não quer Amor,
(porque fiquemos iguais),
pois meu ardor não curais,
que se cure vosso ardor.
Eu cá sinto a vossa dor;
e se vós sintis a minha,
dai e tomai a mezinha.

41)

ESTÂNCIAS

a outra Dama que estava doente

Olhai que dura sentença
foi Amor dar contra mi:
que, porque em vós me perdi,
em vós me busca a doença.
Claro está
que em vós só me achará;
que em mim, se me vem buscar,
não poderá mais achar
que a forma do que fui já.

Que se em vós Amor se pôs,
Senhora, é forçado assi
que o mal, que me busca a mi,
que vos faça mal a vós.
Sem mentir,
Amor me quis destruir

LUIZ VAZ DE CAMÕES

por modo nunca cuidado,
pois vos há-de ser forçado
pesar-vos de vos servir.

Mas sois tão desconhecida,
e são meus males de sorte
que vos ameaça a morte
porque me negais a vida.
Se por boa
tal justiça se pregoa,
quando desta sorte for,
havei vós perdão d' Amor,
que a parte já vos perdoa.

Mas o que mais temo, enfim,
é que nesta diferença
que se não torne a doença
se me não tornais a mim.
De verdade,
que já vossa humanidade
de que se queixe não tem;
pois para as almas também
fez Amor enfermidade.

42)

CANTIGA⁸¹

a outra Dama que também estava doente

Deu, Senhora, por sentença
Amor que fôsseis doente,
para fazerdes à gente
doce e fermosa a doença.

VOLTAS

Não sabendo Amor curar,
foi a doença fazer
fermosa, para se ver,
doce para se passar.
Então, vendo a diferença
que há de vós a toda a gente,
mandou que fôsseis doente
para glória da doença.

REDONDILHAS

E digo-vos, de verdade,
que a saúde anda envejosa,
por ver estar tão fermosa
em vós essa enfermidade.
Não façais logo detença,
Senhora, em estar doente,
porque adoecerá a gente
com desejos da doença.

Que eu, por ter, fermosa Dama,
a doença que em vós vejo,
vos confesso, que desejo
de cair convosco em cama.
Se consentis que me vença
este mal, não houve gente
de saúde tão contente
como eu serei da doença.

45)

GLOSA

a este moto alheio:

Sem ventura é por demais.

Todo o trabalhado bem
promete gostoso fruto,
mas os trabalhos que vêm
para quem dita não tem,
valem pouco e custam muito.
Rompe toda a pedra dura,
faz os homens imortais
o trabalho, quando atura;
mas querer achar ventura
sem ventura, é por demais.

44)

GLOSA

a este moto alheio:

Minh' alma, lembrai-vos dela.

Pois o ver-vos tenho em mais
que mil vidas que me deis,
assi como a que me dais,
meu bem, já que mo negais,
meus olhos, não mos negueis.

LUIZ VAZ DE CAMÕES

E se a tal estado vim,
guiado de minha estrela,
quando houverdes dó de mim,
minha vida, dai-lhe a fim,
minh' alma, lembrai-vos dela.

45)

GLOSA

a este moto alheio:

Tudo pode ãa afeição.

Tem tal jurisdição Amor
n' alma donde se aposenta
e de que se faz senhor,
que a liberta e isenta
de todo o humano temor.
E com mui justa razão,
como senhor soberano,
que Amor não consente dano;
e pois me sofre tenção,
gritarei por desengano:
tudo pode ãa afeição.

46)

CANTIGA

a este moto alheio:

?Para que me dán tormento,
aprovechando tan poco?
Perdido, mas no tan loco
que descubra lo que siento.

VOLTAS

Tiempo perdido es aquel
que se pasa en darme afán,
pues quanto más me lo dán
tanto menos siento del.
¿Que descubra lo que siento?
No lo haré, que no es tan poco;
que no puede ser tan loco
quién tiene tal pensamiento.

REDONDILHAS

Sepan que me manda Amor,
que de tan dulce querella,
a nadie dé parte della,
porque la sienta mayor.

Es tan dulce mi tormento⁸²
que aún se me antoja poco;
y si es mucho, quedo loco
de gusto de lo que siento.

47)

CANTIGA

a este moto alheio:

De vuestros ojos centellas,
que encienden pechos de hielo,
suben por el aire al cielo
y en llegando son estrellas.

VOLTAS

Falsos loores os dán,
que esas centellas tan raras
no son nel cielo más claras
que en los ojos donde están.
Porque cuando miro en ellas
de como alumbran al suelo,
no sé que serán nel cielo;
mas sé que acá son estrellas.

Ni se puede presumir
que al cielo suban, Señora,
que la lumbre que en vos mora
no tiene más que subir;
mas pienso que dán querellas
á Dios nel octavo cielo,
porque son acá en el suelo,
dos tan hermosas estrellas.

LUIZ VAZ DE CAMÕES

48)

IMPROVISO⁸³

*A ãas Senhoras que, jogando perto
de ãa janela, lhes caíram três paus
e deram na cabeça de Camões:*

Para evitar dias maus
da vida triste que passo,
mandem-me dar um baraço,
que já cá tenho três paus.

49)

CANTIGA

a este moto:

Quem disser que a barca pende,
dir-lhe-ei mana, que mente.

VOLTAS

Se vos quereis embarcar
e para isso estais no cais,
entrai logo; que tardais?
Olhai que está preiamar!
E se outrem, por vos fretar,
vos disser que esta que pende,
dir-lhe-ei, mana, que mente.

Esta barca é de carreira,
tem seus aparelhos novos;
não há como ela outra em Povos,
boa de leme e veleira.
Mas, se por ser a primeira,
vos disser alguém que pende,
dir-lhe-ei, mana, que mente.

50)

GLOSA

a este moto alheio:

Campos bem-aventurados,
tornai-vos agora tristes,
que os dias em que me vistes
alegre são já passados.

Campos cheios de prazer,
vós que estais reverdecendo,
já me alegrei com vos ver;
agora venho a temer
que entristeçais em me vendo.
E, pois a vista alegrais
dos olhos desesperados,
não quero que me vejais,
para que sempre sejais
campos, bem-aventurados.

Porém, se por acidente,
vos pesar de meu tormento,
sabereis que Amor consente
que tudo me descontente,
senão descontentamento.
Por isso vós, arvoredos,
que já nos meus olhos vistes
mais alegrias que medos,
se mos quereis fazer ledos,
tornai-vos agora tristes.

Já me vistes ledos ser,
mas depois que o falso Amor
tão triste me fez viver,
ledos folgo de vos ver,
porque me dobreis a dor.
E se este gosto sobejo
de minha dor me sentistes,
julgai quanto mais desejo
as horas que vos não vejo
que os dias em que me vistes.

O tempo, que é desigual⁸⁴,
de secos, verdes vos tem;
porque em vosso natural
se muda o mal para o bem
mas o meu para mor mal.